

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTISTICO
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão

Rua Formosa, 43-LISBOA



UMA CURVETA PELO CAVALLO «ELMO»
(Cliché BENOLIEL)



Meio seculo de successo
ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe
de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.
A'venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE. 8, rue Favart. Paris

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno	4\$800 réis
" semestre	2\$400 "
" trimestre	1\$200 "

Assignatura conjunta do «Seculo», «Supplemento Humoristico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno	8\$000 réis
" semestre	4\$000 "
" trimestre	2\$000 "
mez (em Lisboa)	700 "

COMPANHIA DO Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianãa e Sobrêrinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermito (Louzã), Valle Maior (Albergaria a Velha). Installadas para uma produçãõ annual de cinco milhões de kilos de papel e dispendo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, RUA DA PRINCEZA, 276
PORTO—49, R. DE PASSOS MANUEL, 51

Endereços teleg.: LISBOA, COMPANHIA PRADO. PRADO—PORTO—LISBOA. Numero telefonico: 508.

HEMORRHOIDAS
CURAM-SE COM OS
SUPPOSITORIOS
ADRENO-STYPTICOS
MIDY

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL

ANEMIA CÔRES PALLIDAS
CHLOROSE, CONVALESCENÇA
PELO
Elixir do S. Vicente de Paula

Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL. CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15. 1. LISBOA
1300 reis o frasco franco porte em todo Portugal.
PELOILLE, Place*, 2, Faub* S. Denis, PARIS

A SEDA SUISSA É A MELHOR!


Peçam as amostras das nossas sedas novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:

Ottoman, Liberty, Côtelé, Crêpe de Chine, Louisine, Taffetas, Mousseline, 120 cm. de largura a partir de fr. 4,25 o metro, em negro, branco e cor assim como as blusas e os vestidos bordados em batiste, lã, toile e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas directamente aos particulares e francas de porte a domicilio.

SCHWEIZER & C.^E
Lucerna E. 12. (Suisse)

Exportação de Sedas Fornecedor CORTE REAL

AGENCIA DE VIAGENS  R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE
SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotéis.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA



Um Inventor Portuguez

O AEROPLANO GOUVEIA

II

Meu caro amigo e camarada

Venho, gostosamente, fornecer-lhe algumas notas, rapidas, sobre os trabalhos de aviação que ultimamente provocaram ruido em volta do meu nome. Vou falar de mim, commetter, talvez, a indelicadeza de elogiar-me e sou de certo o primeiro que faz tal coisa com este



desassombro, o que se me afigura mais *emocionante*,

pelo menos, que fazel-o, como é d'uso, sem assignatura... Não lhe parece? Um querido amigo, que ha muito respeito e admiro, dizia-me que bem pouco vaidosos são aquelles que escrevem o proprio elogio sob o anonymato d'uma inicial qualquer, e que, real e alta-



1—Em pleno vôo. 2—João Gouveia e sua irmã Julia na ilha da Madeira.

mente vaidosos eram esses que preferiam arrancar a mãos avaras, sempre, as palmas do applauso. Eu, porém, não fui nunca do numero dos primeiros, nem quero, em Portugal, ser dos ultimos. Digo-lhe isto sinceramente; não vale a pena... Mas como vê, calhou,— não sei bem já como foi,— chegar á publicidade o meu trabalho, e eis-me de um dia para outro obrigado a satisfazer curiosidades varias, desde a mais honrosa e delicada á mais insolente e aggressiva. Ha uma coisa que me seduz mais do que a independencia do vôo vertiginoso e ao mesmo tempo emballador:—é a verdade! Esta abstracção é o meu *inconsciente*

de Philadelphia. Esse «Robur» e a sua machina pairam singularmente nas imaginações de 15 annos, e radicam-se quando simultaneamente com a leitura se discutem as possibilidades, difficuldades e diferentes processos de resolução do problema. Foi o que me aconteceu ao ler o «Robur», *anotado* pelas involvidaveis palavras de meu pae e meu mestre, que me deixaram sempre noções precisas do assumpto versado. Ha um anno e meio, proximoamente, os jornaes francezes começaram a occupar-se d'aviação com certo ardor, e por isso topei, por acaso, uma noticia que me fez saber que o velho problema ha tanto dis-



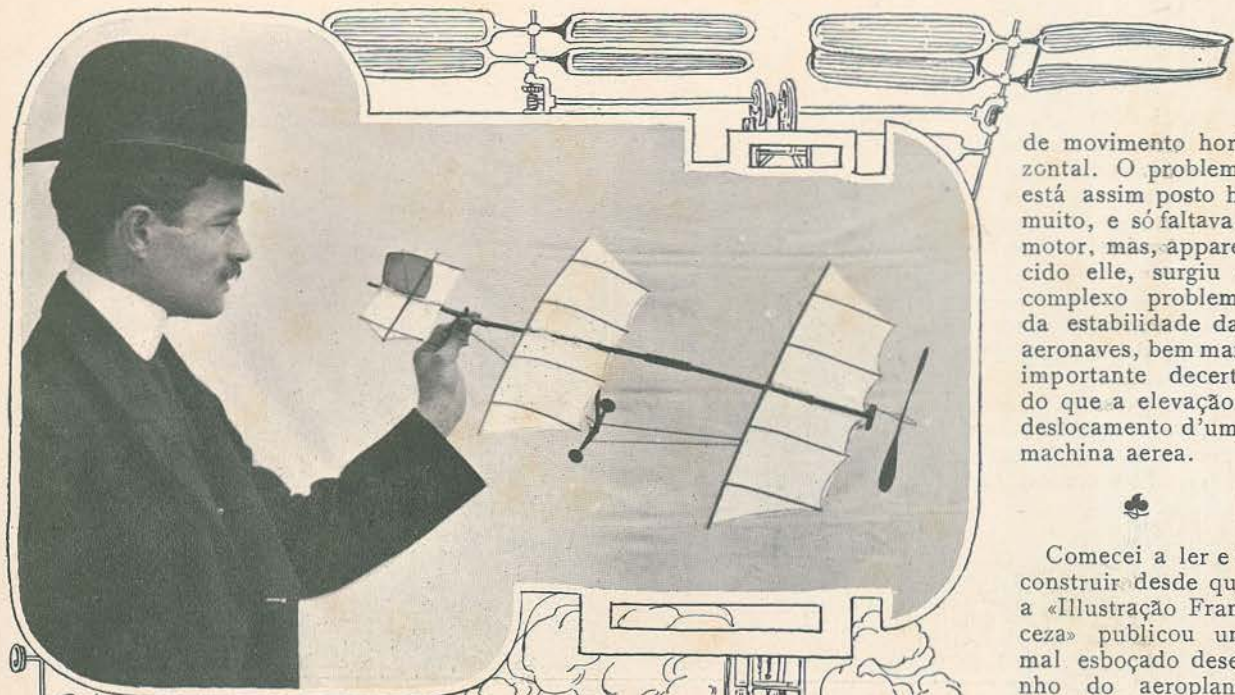
Flyer Wright n'uma viragem sobre a direita

fito e dizel-a é o meu maior prazer: A aviação chegou cedo a Portugal e tão cedo que receio ter que pedir um campo emprestado, á França, para gosar o inedito prazer de passear pelo ar, sem estorvar o semelhante, que a cada passo me accusa de ter *inventado* a direcção dos baldes. Ora as notas que me pede vão dar-me o precioso ensejo de desfazer estes mal-entendidos.

A aviação para mim foi um feitiço, desde que longinquamente li aquelle soberbo «Robur» do Verne que tão admiravel partida pregou a Hucle Prudent, o circumspecto presidente do Weldon-Institute

cutido, theoreticamente, tentado, sem resultados, esquecido finalmente, havia de novo despertado, e a crêl-os, já existia o motor desejado, ou se haviam achado novos numeros para a extensão das superficies e d'ahi uma justa utilização mechanica dos motores antigos, julgada, até então, impossivel. Eram verdadeiras as duas hypotheses. A segunda dava-se com o aparelho Wright, e a primeira, que na ordem chronologica appareceu depois, dava-se com o celebre motor Antoinette de Levavasseur, que realisa um cavallo vapor em 1^k,500 de peso para os motores de 50 cavallos.

Das minhas recordações surgiram então, confusamente, as varias soluções do vôo artifi-

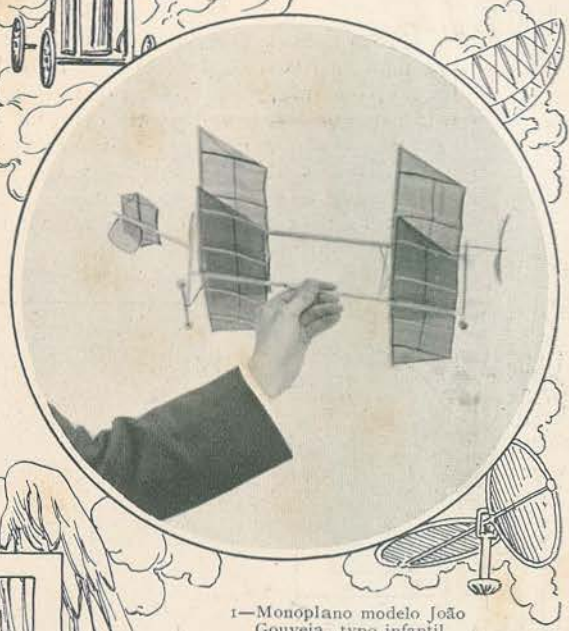


de movimento horizontal. O problema está assim posto ha muito, e só faltava o motor, mas, apparecido elle, surgiu o complexo problema da estabilidade das aeronaves, bem mais importante decerto do que a elevação e deslocamento d'uma machina aerea.

Comecei a ler e a construir desde que a «Illustração Francaza» publicou um mal esboçado desenho do aeroplano

cial: a primeira, a mais nitida, era a do audacioso engenheiro que atacára, perante mil balonistas yankees, o «mais leve que o ar» — «Robur o Conquistador». Esta aeronave vinha a ser um helioptero munido de 37 helices montadas em eixos verticaes, e duas propulsivas. Em seguida a aeronave de Buchard, com suas rodas de pás moveis que só apresentavam a superficie á resistencia na parte descendente da sua evolução; os varios ornithopteros ou aeronaves de azas batentes que imitam distinctamente as aves, e, finalmente, os aeroplanos varios, cuja sustentação é arrancada á velocidade.

Nas primeiras a sustentação é produzida por uma propulsão vertical; na ultima é obtida pela componente vertical da reacção de superficies inclinadas, animadas



1—Monoplano modelo João Gouveia, typo infantil
2—Biplano, modelo João Gouveia, typo infantil
3—Largada contra o vento



Wright, então tratado como um *bluf* americano, mas confesso-lhe que nem a minima ideia de percorrer este caminho que agora me obriga a tentar por todas as fórmulas realizar um aparelho a que ligo uma fé inabalavel. O que lhe posso affirmar é que tudo são tentativas no campo da estabilidade das machinas voadoras e que me julgo n'um direito legitimo apresentando o fructo d'um trabalho cujos beneficios seriam de todos, e «tão racional que deve ser tentado» segundo a phrase d'alguns engenhei-

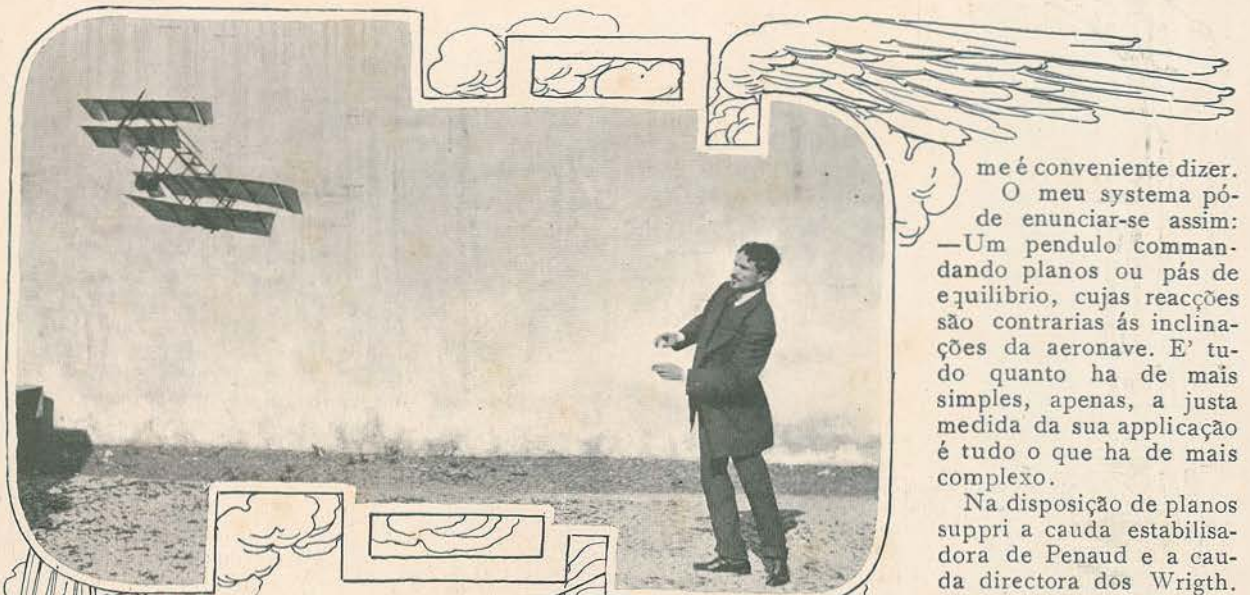


ros que, com inigualavel gentileza me animaram e acolheram. O meu trabalho foi morosissimo, mas, talvez por isso, bastante proveitoso. Colhi da centena de construcões que fiz observaões curiosas e tantas que me seria impossivel sequer apontal-as, e os factos nas experiencias realisadas no estrangeiro pareciam vir dizer-me que o meu processo de traba-

lho podia dar-me noções praticas, seguras sobre aviação. O meu processo foi, até certo ponto, seguir a controversia e construir o apparelho citado. Obtive então varias vezes, nos meus pequenos voadores, desastres em miniatura em tudo semelhantes aos registados nas experiencias lá fóra effectuadas. Estes factos animaram me a corrigir, a modificar. Tive a impressão,



1—As experiencias no quartel de engenharia; Lançamento do aeroplano
2—Esperando que acalme o vento fortissimo, para um novo lançamento do apparelho



Sob a acção d'um redomoinho: viração pela esquerda

em determinado momento, que a escola franceza, cujos apparatus, com ligeiras variantes, teem ás vezes a forma, e, sempre, o equilibrio do systema do aviador Penaud, pretendendo imitar a disposição da ave, se havia esquecido de que a ave tem cabeça, e de que a cabeça das aves representa um importantissimo papel na sua estabilidade e direcção, e para isso basta vêr a sua conformação superior quasi sempre achatada. Além d'isto se pretendiam imitar a ave, seria mais racional collocar a helice á retaguarda, onde a torção rapida é menos sensivel ao systema. N'esta ordem de ideias construi modelos francezes Bleriot com as modificações suggeridas e obtive vôos totalmente differentes d'aquelles que obtinha com o modelo exacto. Nunca obtive um vôo perfeito com helice á frente e conclui que o turbilhão d'ar que a helice desloca ia necessariamente passar pelo systema de planos e alterar-lhes a estabilidade, enquanto que, indo á retaguarda, a helice apenas impulsionava, deixando os planos romper o ar a camada desejada.

Convicto portanto de que era possivel com pequenas machinas entreolhar o assumpto nas suas multiplas phases e corrigir os conhecidos defeitos dos grandes aeroplanos em evidencia, appliquei um systema automatico de estabilidade a uma machina cuja disposição de planos foi suggerida por enorme sequencia de observações e obtive então em ar agitado vôos estaveis, que me satisfizeram, por não ter visto em nenhuma das obras que tenho consultado um resultado igual—nem mesmo a tentativa. D'aqui a ideia arreigada de que achára alguma coisa original e pratica, porque se com um modelo de 1,20 de envergadura consigo vôo estavel com ventos de 4^m a 5^m é logico suppôr que um apparatus de grandes superficies, mais estavel portanto, dotado do mesmo systema de equilibrio, deverá reagir melhor ainda contra as correntes aereas, procurando manter a sua horizontalidade de marcha sem a manobra do aviador, que é tudo quanto por agora



me é conveniente dizer. O meu systema pôde enunciar-se assim: —Um pendulo commandando planos ou pás de equilibrio, cujas reacções são contrarias ás inclinações da aeronave. E' tudo quanto ha de mais simples, apenas, a justa medida da sua applicação é tudo o que ha de mais complexo.

Na disposição de planos suppri a cauda estabilisadora de Penaud e a cauda directora dos Wright. Os meus commands, manobras tendentes a auxiliar a subida e a attenuar a *atterrissage*, assim como a transformação da aeronave em simples *planeur*, quando as circumstancias o permittirem, (sem utilizar a propulsão das helices,) não foram ainda empregados, e a falta do competente registo obriga-me a guardar uma absoluta reserva.

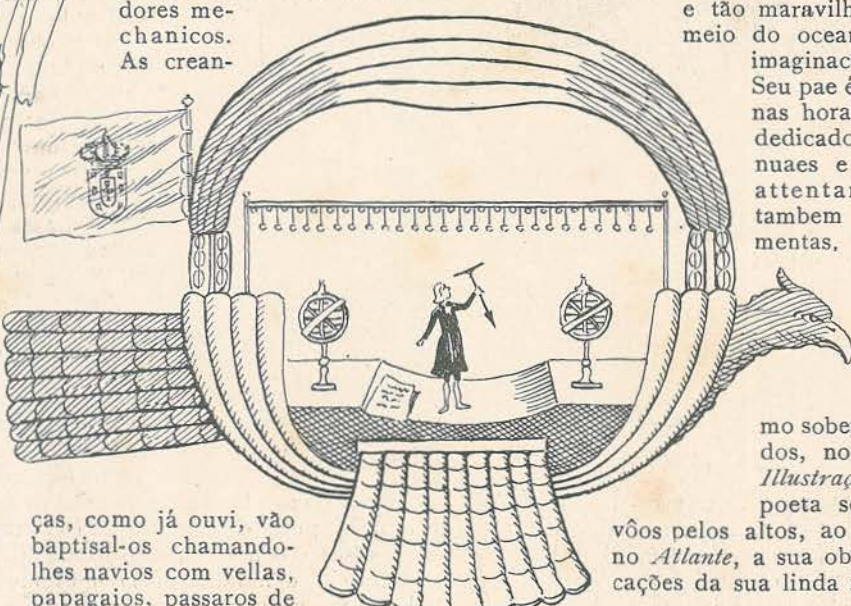
Não terminarei porém este *vol d'oiseau* sobre aviação sem me referir aos primeiros resultados positivos que alcancei nos meus modelos infantis, adaptação do meu aeroplano de transporte, hoje bem conhecidos, pelo benemerente impulso que mereceram ao sr. João dos Santos e Silva, engenheiro e pessoa distinctissima a todos os respeitos.



João Gouveia e D. Thomaz d'Almeida

Este senhor, e meu amigo, não só acolheu com entusiasmo de intellectual a minha ideia, como resolveu pôr ao alcance da infancia portugueza o brinquedo mais palpitante da actualidade — os voadores mechanicos. As crean-

enchendo-a, dominando-a, constituindo hoje o seu sonho a que espera uma feliz realisação. João Gouveia é poeta e ilheu, d'essa verdejante e formosa ilha da Madeira, tão cheia d'encantos, tão fértil e tão maravilhosa de côr, no meio do oceano azul como a imaginação do artista. Seu pae é um militar que nas horas d'ocio se tem dedicado a trabalhos manuaes e que o filho seguia attentamente, manejando tambem as delicadas ferramentas, o que tão util lhe seria depois ao querer pôr em pratica os seus aeroplanos pequeninos, que vimos mover-se, ligeiros e airosos como soberbos insectos coloridos, no salão espaçoso da *Illustração Portugueza*. O poeta sonhára já com esses vôos pelos altos, ao escrever, ha annos, no *Atlante*, a sua obra, tão cheia de evocações da sua linda ilha:



A Passarola do padre Bartholomeu Gusmão

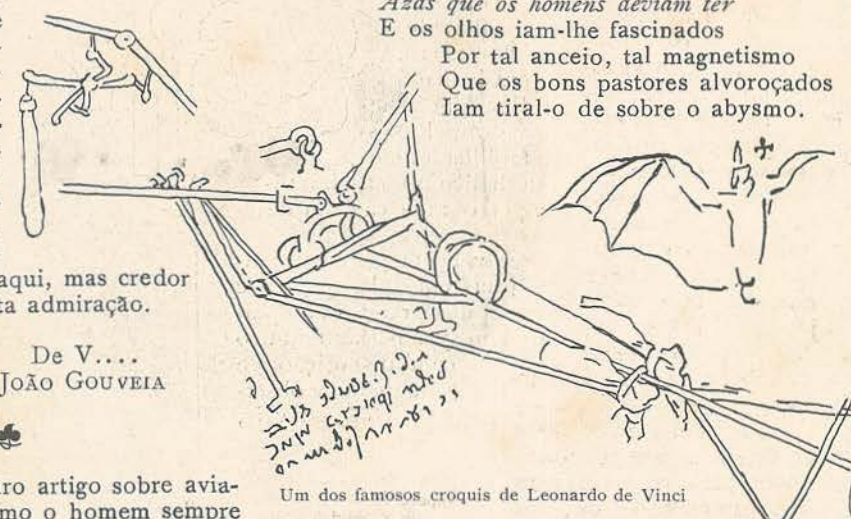
ças, como já ouvi, vão baptisal-os chamando-lhes navios com vellas, papagaios, passaros de sêda e outras phantasias; pouco importa o nome, o que as seduzirá por certo é vê-los singrar o espaço, fazel-os subir ou descer, ir para um lado ou para outro, em volta fechada, conforme a inclinação dos seus pequenos lémes, obrigando-as a pensar e a adquirir noções pela unica fórmula racional de ensino.

Eis a unica coisa positiva que até hoje se poudo fazer; quanto á construcção do aeroplano de transporte apenas tenho tido promessas portuguezas e um *bello gesto*, de D. Thomaz d'Almeida, improficuo até aqui, mas credor da minha mais grata admiração.

De V....
JOÃO GOUVEIA

No nosso primeiro artigo sobre aviação mostrámos como o homem sempre teve a anciedade da descoberta, de voar pelos espaços como farto da monotonia da terra. Agora João Gouveia — já denominando o aviador portuguez — explica-nos como lhe chegou esse desejo de fazer o seu aeroplano. D'um livro de Julio Verne lhe veiu primeiro a phantasia que foi falando depois á sua imaginação, desenvolvendo-se n'ella, tomando-a,

O seu martyrio desde ha dez annos
E' quando o tomam
As anciedades!
De immenso espaço! rochas oceanos!
Aves libertas immensidades
Soffria immenso d'ir ao rochedos
Ao alto d'elles
E não poder
Tentar as azas sobre os penedos
Azas que os homens deviam ter
E os olhos iam-lhe fascinados
Por tal aneio, tal magnetismo
Que os bons pastores alvoroçados
Iam tiral-o de sobre o abysmo.



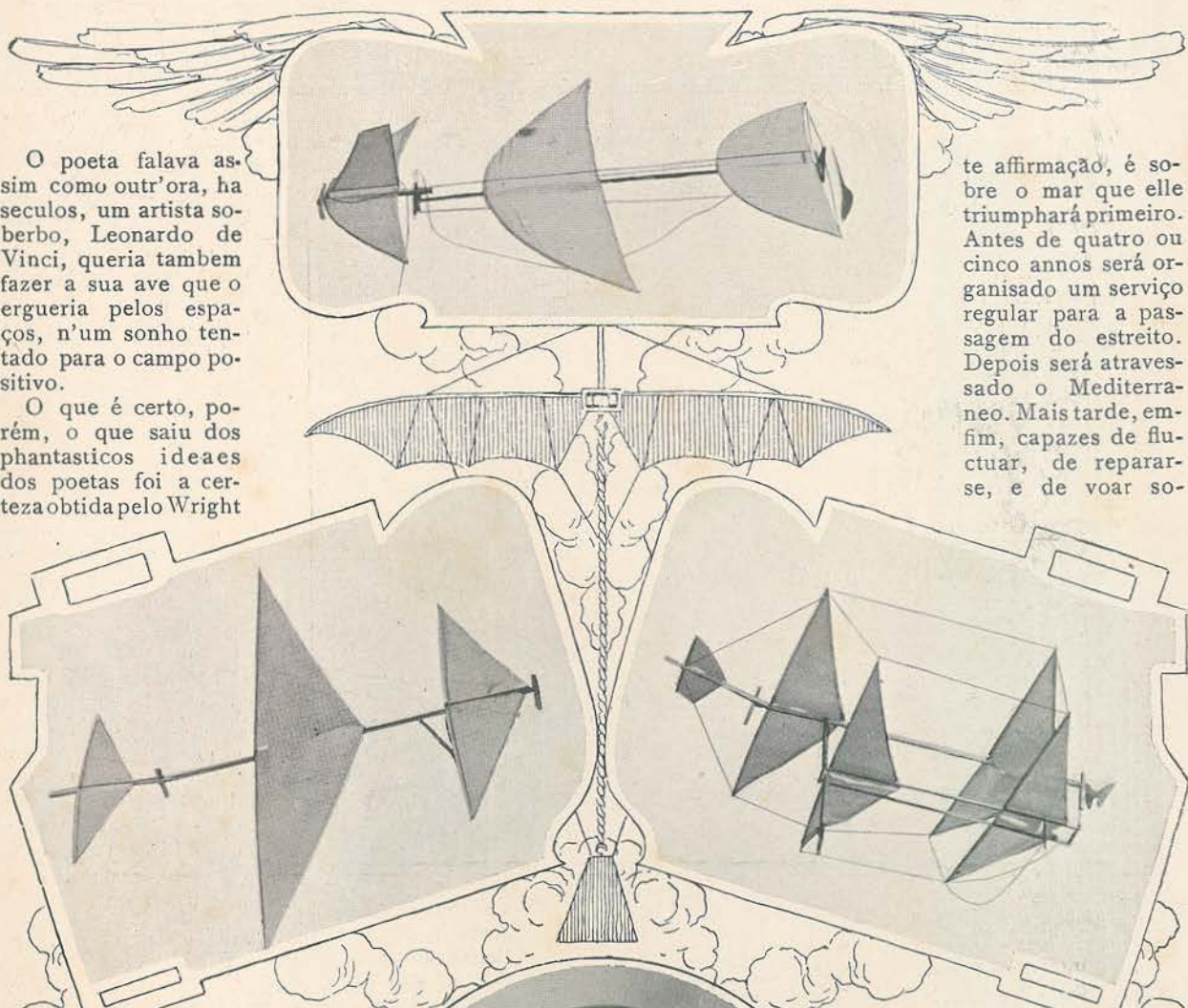
Um dos famosos croquis de Leonardo de Vinci

Era já a visão da sua phantasia a querer que os homens tivessem azas para se libragem nos ares, mais affirmada ao dizer:
Deixo o meu coração abrir as azas
— Mal de voar que inda lhe não passou. —
E olhos mortaes que quemam como brazas
Tentou sustel-o em vão no seu ancioso vôo.

O poeta falava assim como outr'ora, ha seculos, um artista soberbo, Leonardo de Vinci, queria tambem fazer a sua ave que o ergueria pelos espacos, n'um sonho tentado para o campo positivo.

O que é certo, porém, o que saiu dos phantasticos ideaes dos poetas foi a certeza obtida pelo Wright

te afirmação, é sobre o mar que elle triumphará primeiro. Antes de quatro ou cinco annos será organiado um serviço regular para a passagem do estreito. Depois será atravessado o Mediterraneo. Mais tarde, emfim, capazes de fluctuar, de reparar-se, e de voar so-



de se sustentar nos ares e que João Gouveia, após ás aspirações expressas nos seus versos, espera realizar tambem activamente voando por esses espacos, deixando o seu corpo seguir pelos ares no balanço do aeroplano como já por lá tem andado a sua bella phantasia de delicado artista.

Como já dissémos o que se carece n'este momento obter para os aeroplanos é a estabilidade da qual o sr. Paul Painlevé, da Academia das Sciencias de França, ha pouco disse o seguinte:

«Quando esse progresso fôr realisado o aeroplano começará a transformar o mundo. Por muito paradoxal que pareça semelhan-

bre a agua, enormes passaros artificiaes lançar-se-hão por sobre a curva dos oceanos».

Essa estabilidade, João Gouveia julga tel-a achado, é essa a sua idéa, por ella trabalha assombrosamente com todo o seu enthusiasmo e com toda a sua mocidade. Que realise a sua obra, eis o que desejamos, não só por elle, mas para que Portugal concorra para o futuro dos aeroplanos com as condições mais essenciaes d'elles poderem ser a maior maravilha do nosso seculo. Que bello seria esse aneio do vôo, lembrado ao mundo pelo portuguez Bartholoméu de Gusmão, poder tornar-se uma realidade pratica pelos trabalhos d'outro portuguez!



- 1—Estudo sobre forma de plano
- 2—Apparelho construido segundo o principio de Penaud (Escola Franceza) com duas modificações:—helice á ré e leme de profundeza á frente
- 3—Primeiro estudo da disposição de planos para o modelo João Gouveia (Clichés de NEVES E DE BENOLIEL)
- 4—D. Thomaz d'Almeida (Cliché de VASQUES)



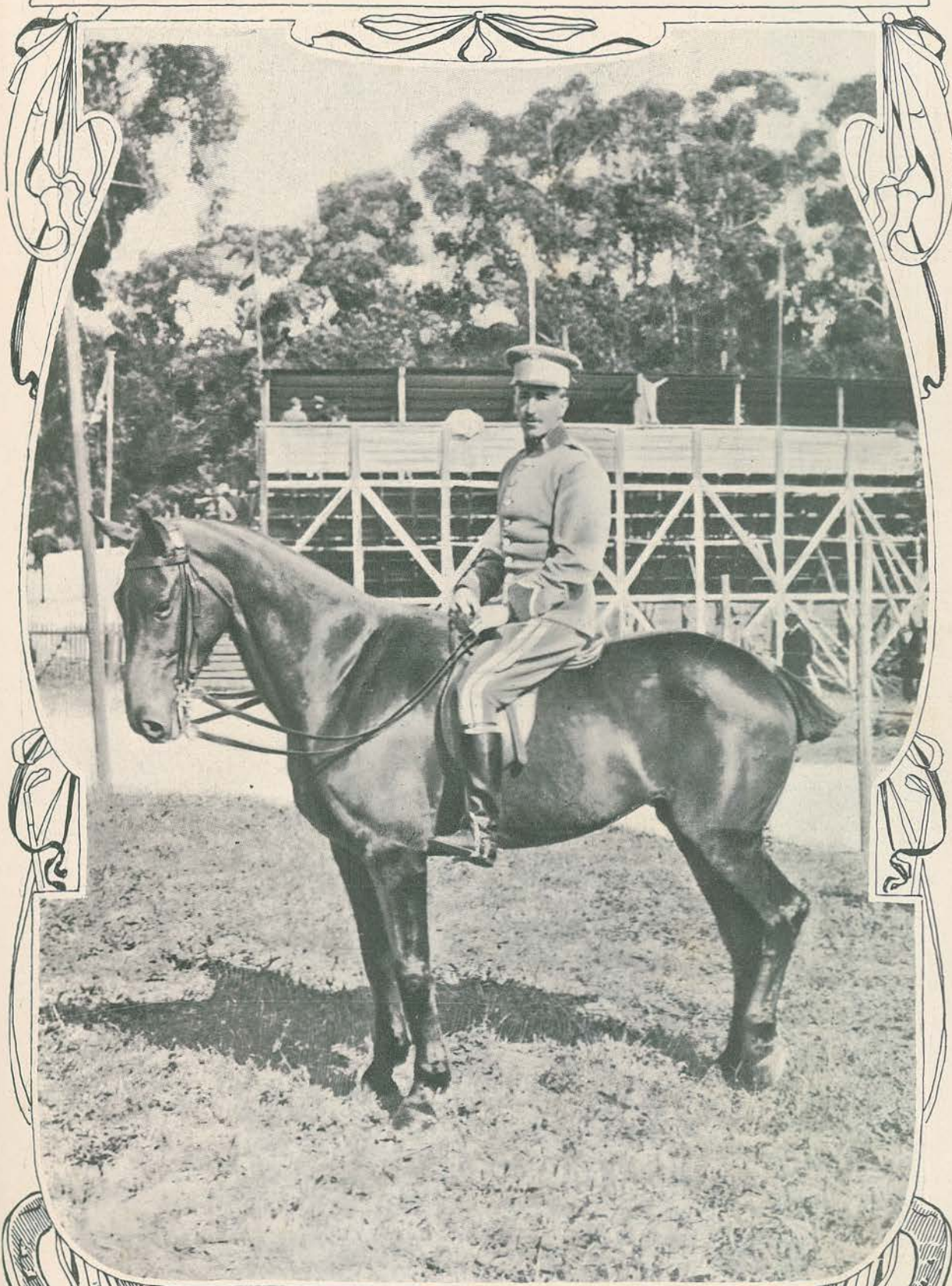


O MONUMEN O A JULIO VERNE EM AMIENS. — Inaugurou-se em Amiens o monumento a Julio Verne, o escritor de poderosa phantasia, o propheta das mais estranhas invenções. Na base da estatua tres pessoas lêem as suas paginas singulares, as suas estranhas novellas em que se vão na bala d'um canhão para a lua, se anda sob as aguas, onde perpassam ilhas mysteriosas, onde ha aventuras que encantam, surprehendem. A estatua foi feita pelo esculptor Rose, que com as figuras do pedestal pretendeu mostrar como esse feiticeiro romanista sabia entreter os espiritos dos homens, das mulheres e dos pequenitos.



1—O monumento de Julio Verne em Amiens (Cliché de CH. DELIUS)
2—Os convivas do almoço offerecido por alguns dos mais modernos auctores comicos portuguezes a Eduardo Garrido para commemorar o 50.º anniversario da representação da sua primeira peça: *De noite todos os gatos são pardos*. Da esquerda para a direita, de pé: srs. Felix Bermudes, Barbosa Junior, André Brun, Bento Mantua e João Bastos; sentados: Accacio de Paiva, Ernesto Rodrigues, Eduardo Garrido, Xavier Marques e Xavier da Silva

O CONCURSO HIPPICO



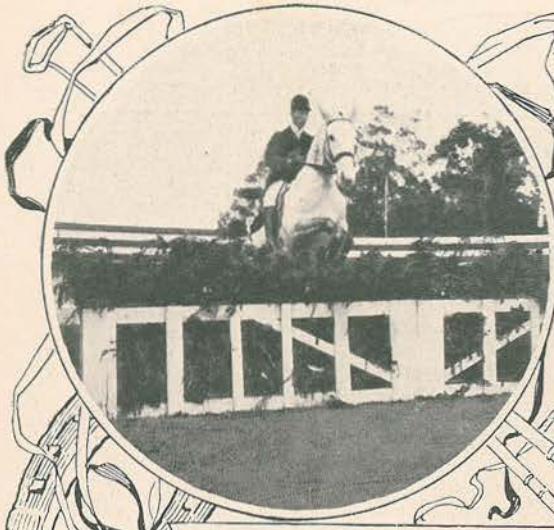
O tenente do regimento Affonso XII
D. Gustavo Spencer no seu cavallo *Exquiss*, vencedor do Grande Premio
de Lisboa



- 1—O sr. Jara de Carvalho, no *Elmo*, 1.º premio da prova militar
 2—O sr. Silveira Ramos, no *Scott*, 2.º grande premio de Lisboa e 1.º premio em altura 1,78 m
 3—Cavallo *Prize* irlandez, 1.º premio na apresentação de cavallos com praça e assente no exercito, montado pelo sr. André Reis
 4—O sr. Elias Garcia, no *Eclair* 1.º premio do percurso de caça

Magnificas as provas do concurso hipico que se realizaram no velodromo de Pahlavã em terça-feira, 18 de maio, e em quinta-feira d'Ascensão.

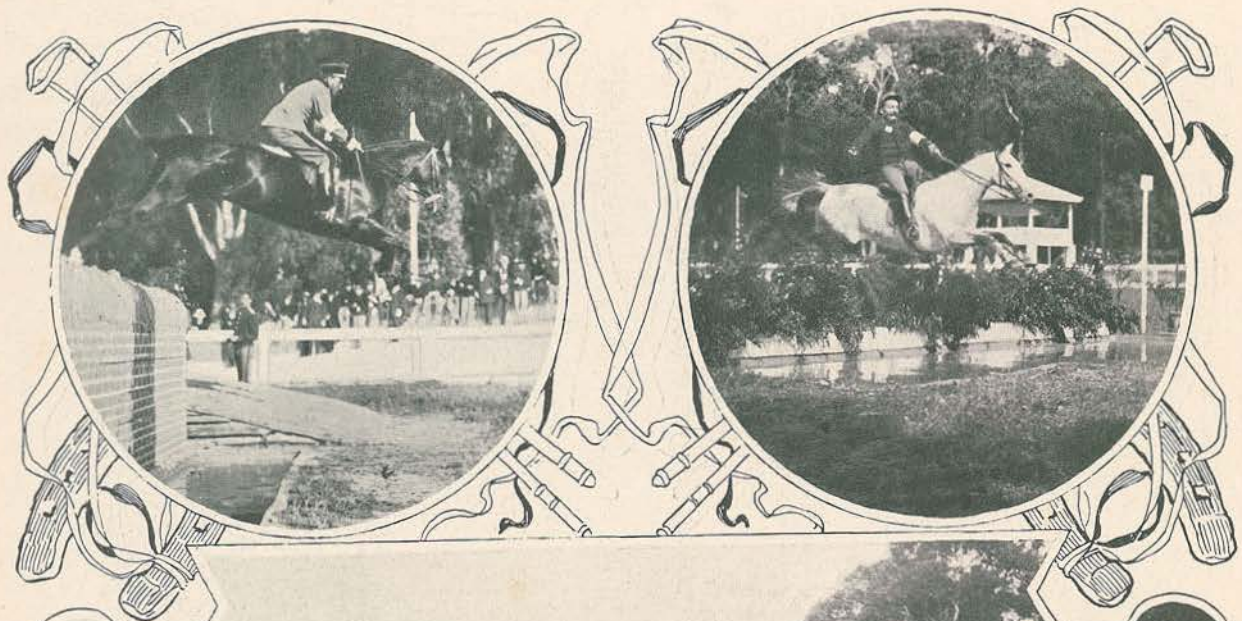




- 1—O sr. Braklany (alumno da Escola Academica)
- 2—Magnifico salto de banqueta pelo tenente hespanhol Llarch (1^o,40)
- 3—Apresentação de cavalleiros
- 4—O concorrente alferes Torres saltando a valla



Mais uma vez se comprovou a superioridade dos magnificos cavallos da raça peninsular que ali correram montados por officiaes portuguezes e hespanhoes. O velodromo estava cheio, as mais brilhantes *toilettes* á luz linda do sol, as mais formosas mulheres seguindo com entusiasmo os saltos dos cavallos, aquella carreira por sobre obstaculos, na qual havia a anciedade, sempre crescente, de se saber qual seria o vencedor. Equipagens magnificas pu-



- 1—Um correcto salto de banqueta, pelo official hespanhol tenente Jurado
- 2—O cavalleiro tenente Velloso, instructor na Escola Pratica de Cavallaria, transpondo a valla
- 3—Apresentação dos concorrentes
- 4—Cavallo *Clead-Gleen*, irlandez, montado pelo seu proprietario, conde de S. Lourenço, transpondo o *pianno*

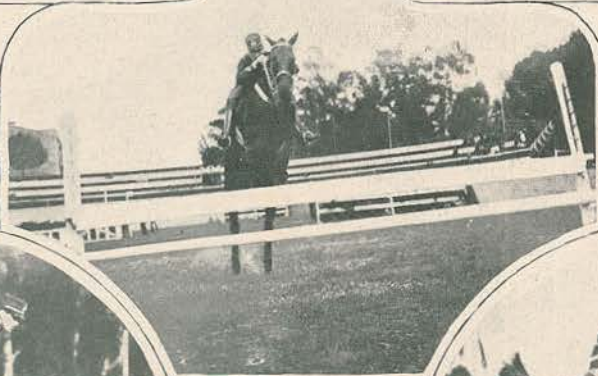
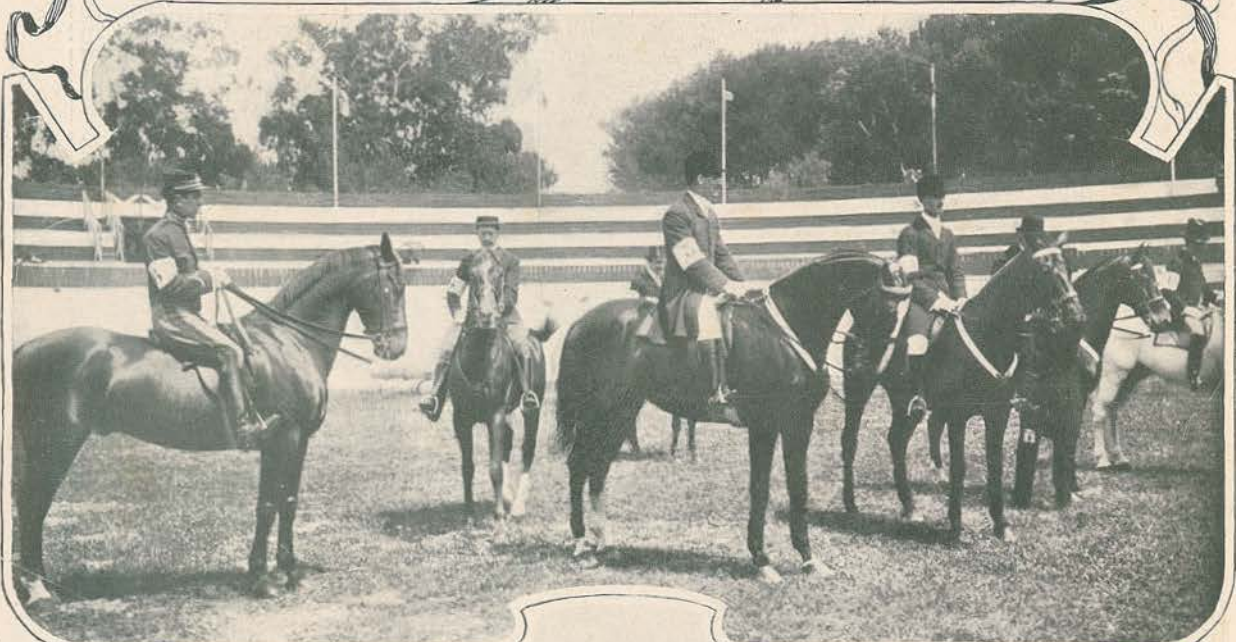
xadas por cavallos exemplares appareceram no velodromo que retinia ao som das palmas com que se festejavam os que conseguiam vencer, esses bellos cavallos, formosos, de boa raça, que se mostravam galhardos n'aquella festa magnifica. O gosto por essas provas de concurso hippico vae-se accentuando cada vez mais entre nós, como agora ficou bri-

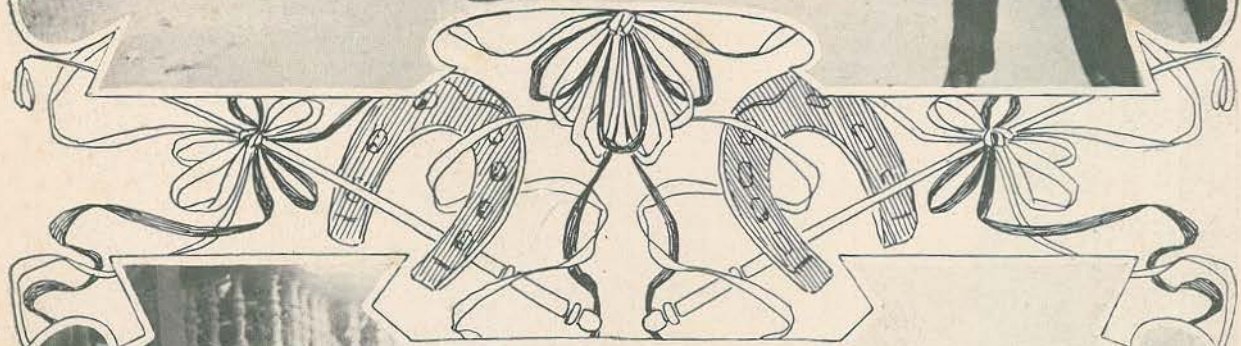




lhantemente demons-
trado. Tendo começa-
do ha annos na Tapada
d'Ajuda a fazer-se as

- 1—Concorrentes ao Grande Premio de Lisboa, desfilando deante da tribuna real.
- 2—Grupo de concorrentes ao premio de apresentação de cavallos de passeio
- 3—«Scott» 2.º do grande premio de Lisboa
- 4—O alferes Casal Ribeiro saltando a banquetta no seu cavallo «Lord»
- 5—O tenente Febrel, da Escolta Real, transpondo o «oxer» no cavallo pertencente ao Rei de Hespanha



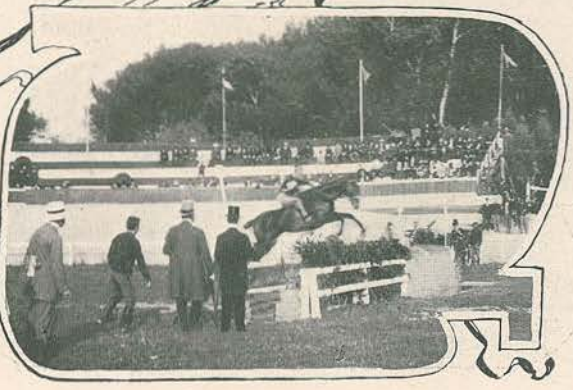


No Velódromo: Sua Magestade El-Rei com suas altezas a princesa D. Luiza de Orleans e o príncipe D. Carlos de Bourbon, seus tios
 2—A sr.^a condessa de San Luis, illustre ministra de Hespanha, e os officiaes hespanhoes que vieram tomar parte no concurso internacional

exposições de gado caval-
lar e muar, com corridas
d'obstaculos por montadas
d'officiaes do nosso exer-
cito, tal incremento foi tomando
essa diversão, tanto agradou, que
se tornou agora já indispensavel.

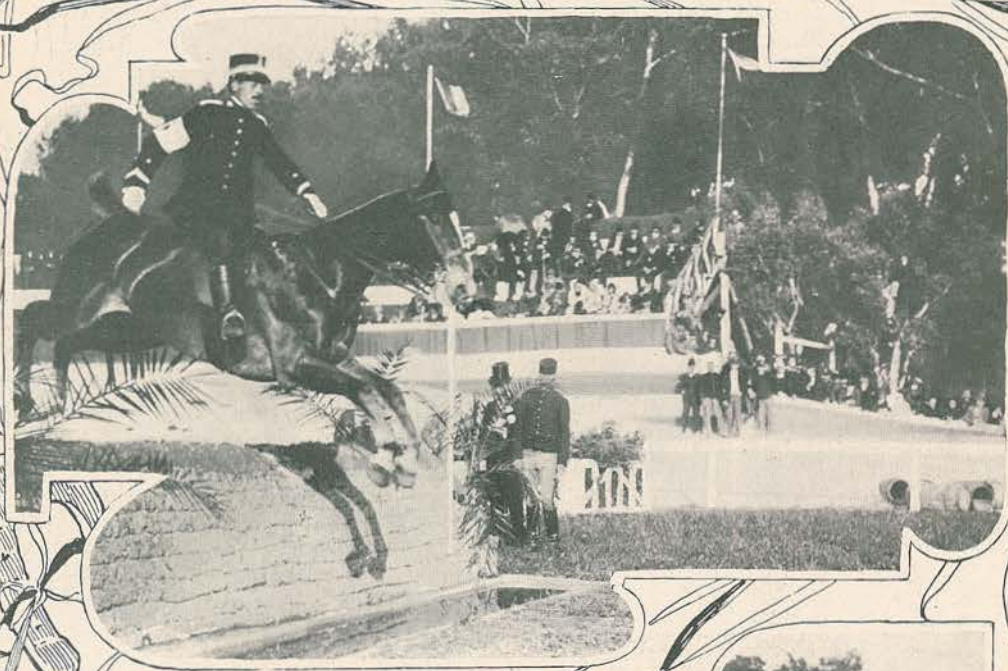
- 1—Radium, pur-sang inglez do Dr. Baithazar Cabral
- 2—O sr. Jayme Alto-Mearim saltando as barras no percurso de ensaio.
- 3—Scott, 2.º no Grande Premio de Lisboa, montado pelo tenente Ramos
- 4—Grupo de cavalleiros hespanhoes por occasião da apresentação a El-Rei : os srs. marquez de Martorell, Spencer, conde Torrepalma e Febrel em continencia





- 1—Egua *Brilhante*, cruzamento de puro-sangue inglês com um producto da raça Alter
- 2—O marquez de Martorell prompto a partir
- 3—*Fuccia*, meio sangue premiado como montada de passeio
- 4—Saltando o *axe*

Foi essa a impressão que trouxe-mos da festa brilhantissima do velodromo com as suas elegantes e quipagens, com aquelles cavallos velozes que fizeram prodigios nas tardes do concurso quentes e cheias de sol. Os officiaes hespanhoes que vieram tomar parte no concurso mostra-



1—Os concorrentes hespanhoes, passando em frente da tribuna real
 2—O tenente Febrel saltando o muro de 1,30 de altura com duas vallas de 1,20 de largura
 3—O tenente de artilharia Salas depois de um percurso
 (Chichés de BENOLIEL)

vam-se encantados com todo o entusiasmo que se teve pelo concurso, em que foram distribuidos magníficos premios, alguns dos quaes couberam aos srs. Gustavo Spencer e Celedonio Febrel, distintos tenentes do exercito hespanhol. O premio de 50\$000 réis no concurso do dia 19 foi ganho pelo cavallo *Scott* do official portuguez Silveira Ramos e o premio d'apresentação de cavallos de praça pelo *Prize*, pertencente ao tenente de cavallaria sr. André Reis.



A FESTA DA FLOR



A exposição de rosas nas montras dos estabelecimentos das principais ruas da capital iniciada na quinta-feira 20 de maio

1—O alpendre graciosamente ornamentado da photographia Camacho, dirigida por Arnaldo Fonseca

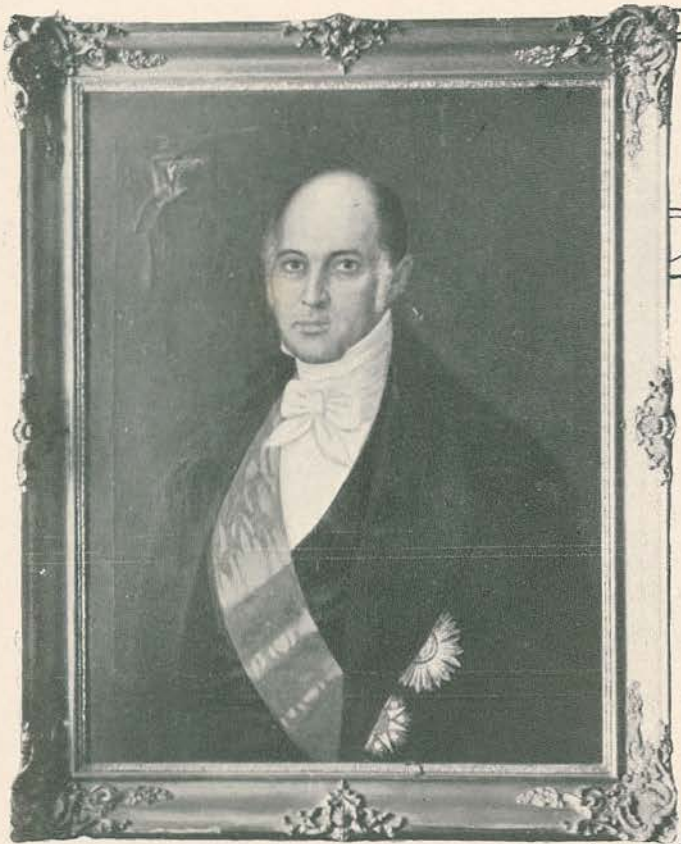
2—Rosa D. Manuel II, aquisição do estabelecimento hortícola portuense do sr. A. Moreira da Silva, obtentor igualmente da magnífica variedade que foi baptisada com o nome da *Illustração Portuguesa*



3—Os sr. Braamcamp Freire, vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa, e os vereadores srs. Miranda do Valle e Thomaz Cabreira, visitando, com o sr. Amor de Mello, as montras ornamentadas

4—No *Paris em Lisboa*: O manequim figurando o milagre do oiro transformado em rosas, attribuido pela lenda á rainha Santa Izabel, e uma das montras cuja ornamentação destacava pela originalidade e pela belleza das flores expostas

O Mata Frades



publicos em que se prodigalisaram, e da firmeza, da estrategia habil e persuasiva que lhes deu consistencia e estabilidade.

A nação, que é ainda hoje fradesca, que ainda toda se encrespa em esgares de odio e de terror se lhe põem em duvida os artigos de fé da sua crença — tão alheia á agua lustral e rejuvenescedora da philosophia experimental, ao apostolado scientifico de Hackel ou de Gustave Le Bon como um rebanho do Gerez aos vãos regimento altivos das aguias que lhe povôam os cêrros — a nação, que se conserva intolerantemente devota, constituia

- 1—Um retrato a oleo de Joaquim Antonio de Aguiar
- 2—Casa onde nasceu Aguiar, na rua do Correio, e na qual a municipalidade de Coimbra mandou collocar uma lapide commemorativa

Joaquim Antonio d'Aguiar não é apenas uma figura de alto relevo entre as figuras do seu tempo. Com todas as arestas, com todos os traços que lhe assignalam a expressão moral, eleva-se no nosso espirito á altura de um symbolo. E' o symbolo vivo, flagrante d'uma epoca. Não dominou como Pombal, não imprimiu á sua acção politica o traço absorvente e largo que caracterizou o genio do estadista soberano que tudo fazia depender de um gesto do seu braço, de um impulso da sua vontade. Eram outros os tempos, e outras as necessidades, a orientação, as vistas de conjuncto dos homens e da politica. Mas sem o poder discrecionario de Pombal, sem as condições favoraveis do seu tempo, a obra de Aguiar traduz um mais alto arrojado de realisação. N'um periodo de transição, todo feito de duvidas, de audacias, de surpresas perante a luz irreverente e promettedora de um novo dia, que feria intensa e imprevisamente retinas habituadas ás penumbras projectadas pelas cellas monasticas, na fixidez atrophiante da casta e do idolo milagroso, as investidas radicaes do grande estadista apresentam-se nos com duplo valor — o valor dos beneficios





Retrato a óleo do pai de Joaquim Antonio d'Aguiar.

como que uma vasta e homogênea comunidade contemporânea quando Aguiar alcançou o poder. Apesar d'isso, o seu primeiro acto de reformador incide sobre os conventos, ousadamente suprimidos.

Elles formavam obstaculo inaccessivel á effervescencia creadora das ideias, das aspirações generosas dos cerebros embriagados pela luminosa visão do futuro — d'ahi a medida de força, de quasi inverosimil audacia que reduziu o obstaculo ao esque-

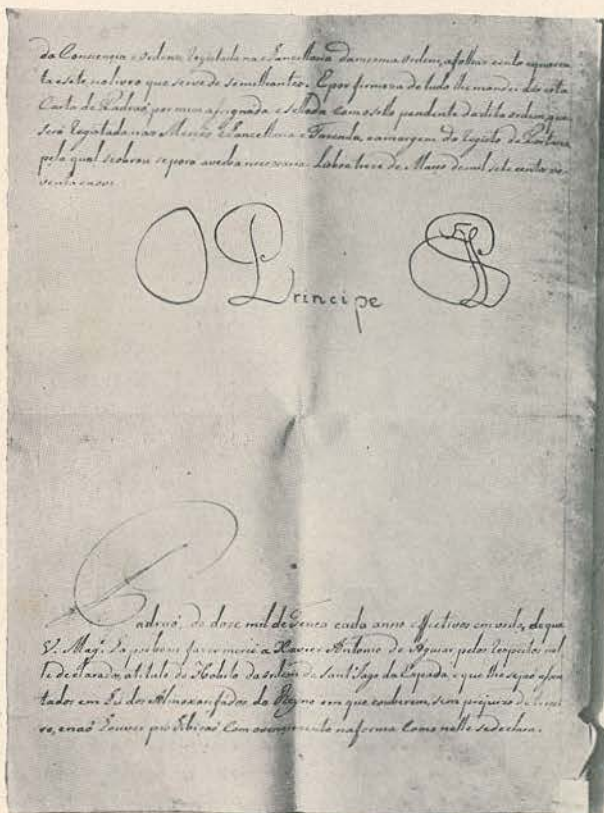
cimento de tudo o que é inutil e se perde.

Actualmente, em pleno seculo XX, ninguem se atreveria a lembrar sequer um simples decreto que obrigasse as congregações, furtivamente estabelecidas no nosso solo, a acatarem a lei que as dissolveu — a impedir-lhes mesmo

que sáissem, nas suas manifestações rituaes, da esphera estricta das praticas religiosas. Isto depois de cem annos de reformas politicas, sociaes, scientificas, artisticas, depois do conflicto decisivo de principios que prepararam a atmospherá liberal e fecunda das nações de cultura superior.

Este facto, embora o não pareça, offerece-nos um aspecto inilludivel da decadencia, do desfallecimento geral que nos impossibilita de tonificarmos e desenvolvermos energias. A subversencia portugueza perante a dominação crescente e monopolisadora das ordens regulares, nacionaes e estrangeiras, que procuram affeição a indole publica á sua politica estreita, dolosa e reaccionaria, é um symptoma doloroso de que vivemos mentalmente mais afastados do nosso seculo, do que materialmente, pela extensão do espaço, dos arrozaes pantanosos que alimentam, ha vinte e quatro seculos, a tradição philosophica e a regra legislativa de Confucio.

Passando os olhos pela historia, onde quer que encontremos a aspiração d'um resurgimento colectivo, encontramos um grau correspondente de desprezo ou de repulsão pelo sectarismo exclusivista das corporações religiosas. Na nossa historia avultam D. João II, o Marquez de Pombal, Joaquim A. d'Aguiar — exprimindo e condensando o supremo desejo de engrandecimento nacional — odiosos, pelo menos antipathicos, á familia clerical. Em sentido opposto vemos D. Joao III. A despeito dos disvelos manifestados pela sciencia, chama a si os jesuitas e prepara ao seu paiz o futuro de incertezas, de favores, de vergonhas, de fu-



Carta régia concedendo o habito de Christo ao pai de Aguiar

gitivas e sempre frustradas abertas de rejuvenescimento, iniciado pelo desastre formidavel de Alcacer Kibir. D. Maria I personifica o mysticismo, exaltado até á demencia,



de um povo incorrigivelmente mystico e o abatimento maximo do seu orgulho de raça e de nacionalidade. Foi no reinado da devota rainha que se deu a reacção absurda, allucinada, fanatica do *Intolerantismo*. Acerca d'essa reacção escrevia o abba de Antonio da Costa, c celebre musico e escriptor portuguez do seculo XVIII, que na cõrte intellectual de Vienna d'Austria mereceu a admiração de Gluck e do reformador encyclopedista José II: «Essas beatices, que quando parece que vão a extinguir-se em Portugal, revivem com mais força e mais descaramento...»

E' certo que as ordens prestaram serviços, quando a supremacia dos povos se computava pela extensão e pelo vigor do seu poder temporal, concorrendo para lhes cimentar soberanias impostas pelas armas. Mas a supremacia actual das nações reside, na sua maior parte, no patrimonio de idéas com que cada uma d'ellas activa e fomenta a elaboração febril do progresso. E nós bem sabemos que toda a idéa que contrarie, que de leve belisque a velha e bolorenta logica que as congregações e a Igreja cultivam para seu sustento—seja embora a mais necessaria aos interesses do Progresso—tem a sua immediata e obstinada opposição. Uma descoberta philologica, por exemplo, que resolvesse o problema da unidade das linguas, contundindo de travéz a pia eloquencia da burra de Balaam, poria em pé de guerra todas as hostes affectas á sacristia. E os seus odios, os seus fervores molestados, desdobrando-se em prodigios astuciosos e acobrativos de dialectica theologica, expendida nas escolas, nas

MANDA A SENHORA REINANTA REGENTE, EM NOME D'ELREI, participar a Vossa Magestade a Real Cõrte de Cortes de 1826, que tendo observado na Carta Constitucional o dia 2 de Janeiro para a Sessão Real da Abertura das Cortes Geraes. Ha por bem que se proceda a este solemn Acto no Salão do Palacio da Ajuda pelas onze horas da manhã do dito dia. O que se lhe communica para sua intelligencia, e para que se acoia o vultado Payo a hora referida, para assistir ao mesmo Acto. Palacio da Ajuda em 25 de Dezembro de 1826.

Francisco Xavier de Sá

O convite para a sessão das Cõrtes de 1826

conferencias, nos jornaes, esforçar-se-hiam por anniquilar a descoberta irreverente e heretica. Segundo as conveniencias da seita, é preferivel que a humanidade estacione, ou caminhe amodorrada e esteril ao chouto lento das azemolas biblicas, do que attentar contra a vernaculidade suggestiva da burra defensora de israelitas.

Joaquim Antonio de Aguiar, abrangendo o alcance d'esta verdade historica, convencido de que seria esmagado pela intolerancia das ordens, se as não esmagasse, sacrificou-as á effectivação do seu sonho de reformador e de patriota. Os conventos, as instituições religiosas foram suprimidas—e assim

podeu germinar, florescer, fructificar a semente copiosa dos seus principios.

Aguiar nem sempre manteve, no decorrer agitado da sua carreira politica, perante todas as velharias, a mesma decidida e prospera firmeza. Por isso nos apparece como um symbolo real da epoca em que dominou—pela sua alma, como pela sua obra, passaram todas as aspirações, todos os sonhos, todas as crenças titubeantes, todas as violencias, generosidades e hesitações d'esse periodo de firmiação d'uma sociedade nova. Teve os seus gestos românticos, a inclemencia dos seus golpes, a vibração nervosa dos seus receios, a magestade sincera e prophetica da sua linguagem.

Não foi o dia pleno e victorioso, envolvendo na mesma ancia creadora e no mesmo calor fertilisante o solo cultivavel, as arvores e as montanhas. Mas foi o amanhecer ousado d'esse dia, sobre largos e promettedores horizontes—dia que por um triste fatalismo de raça se fechou, antes da hora do esplendor maior, n'um vago e sumido crepusculo.



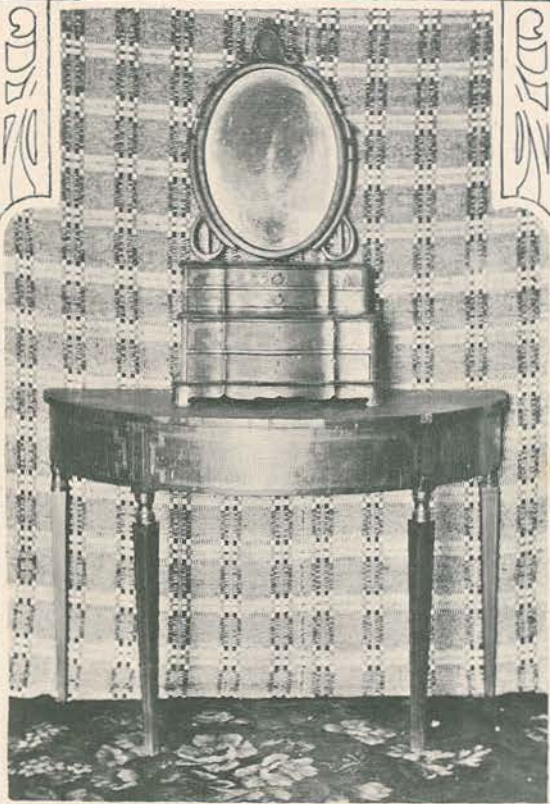
Busto de Joaquim Antonio d'Aguiar



Uma reliquia da guerra civil: A espingarda com que Aguiar desembarcou no Mindello. (Tem a marca London)

Joaquim Antonio d'Aguiar pôz-se ao serviço activo do paiz com dezoito annos de idade. Matriculára-se na Universidade de Coimbra, quando parte dos exercitos de Napoleão invadiram Portugal, sob o commando de Junot. A fé ardente, o patriotismo heroico, o espirito de abnegação que formavam o fundo da sua natureza de luctador, revelaram-se desde logo, levando-o a alistar-se no batalhão academico.

Os sacrificios, as esperanças, as adversidades e os jubilos da guerra deviam temperar-lhe aquellas qualidades, penetrando-as de serenidade e persistencia, exalçando-lhe ainda aos extremos do fanatis-



1—Toucador e parte da meza em que foi assignado o decreto de 1834
2 e 3—Candelabros de bronze, pertencentes a Aguiar

sagrados pela Revolução Franceza. Inutilisaram os cordões attentos e espessos de beleguins do Santo Officio, de pias d'agua benta, de excommunições pontificias, de guardas fieis do ritual e da tradição da realza, dando a provar aos povos supersticiosos o promotador, o fructo prohibido das idéas novas. Por esta forma provocaram a convulsão laboriosa, productiva e redemptora que tornou a Europa constitucional—que, em Portugal, preparou os homens da revolução de 20, dos sacrificios de Plymouth, da alvorada de Mindello, dos heroismos do cerco do Porto, das glorias de 34, das reformas liberaes que nos outorgaram a



mo o amor á terra defendida das voracidades sensuaes, rapinantes e dominadoras dos invasores.

Nós só sentimos bem dentro do nosso coração e da nossa ternura toda a intensidade d'um alto affecto no momento afflictivo em que nos convencemos prestes a perdello. Esse affecto, tanto pôde ser a pessoa que nos correspondera com as caricias da sua alma, como a terra a que estamos presos pelo acaso do nascimento, pelo vinculo imponderavel das recordações de familia, por affinidades amoraes de character e de temperamento. Elle viu-a agonisante, abandonada por tantos dos que lhe deviam situações invejaveis, e deprimida pelo escarneo affrontoso dos conquistadores. E assim aprendeu a querer-lhe mais do que á tranquillidade do seu futuro, ás faceis sympathias dos que a desejavam afastada do sopro calido de affirmações renovadoras. E, como elle, aprenderam a querer-lhe os seus



companheiros d'armas, de espirito e de dedicação.

Ha bens que veem por mal—affirma a sabedoria das nações. As hostes valorosas do modesto soldado a que a sorte e o heroismo entregaram os destinos da Europa, no começo do seculo passado, com todas as suas delapidações, morticinios e vandalismos, foram o complemento indispensavel da mais larga reforma humanitaria e social de que a historia nos dá menção. Fizeram a grande, a exuberante sementeira dos eternos principios con-

relativa aproximação do progresso que gosamos.

Sahido d'essa escola, Aguiar supportou com a imperturbavel serenidade dos fortes as perseguições dos inimigos, as inclemencias do exilio, em Londres—onde pertenceu ao conselho organizado pelo marquez de Palmella para o restabelecimento da Carta—os tormentos da guerra civil, as injustiças de alguns dos seus cooperadores.

Vencidos os miguelistas, que elle combateu como simples soldado, apesar das insignias doutoraes de lente da Universidade, a sua envergadura politica

alarga-se em prodigios de actividade. Atravez das agitações partidarias que então sacudiam o paiz, sempre em revoluções e contra-revoluções, não esmorece no empenho de congraçar este alfobre de conventos e de beatas com o ar livre, a luz franca, o raciocinio independente que desperteram o mundo para as liberalidades da ultima metade do seculo XIX. Encontramo-lo invariavelmente em successivos ministerios, no seu apostolado de reformador moderno.

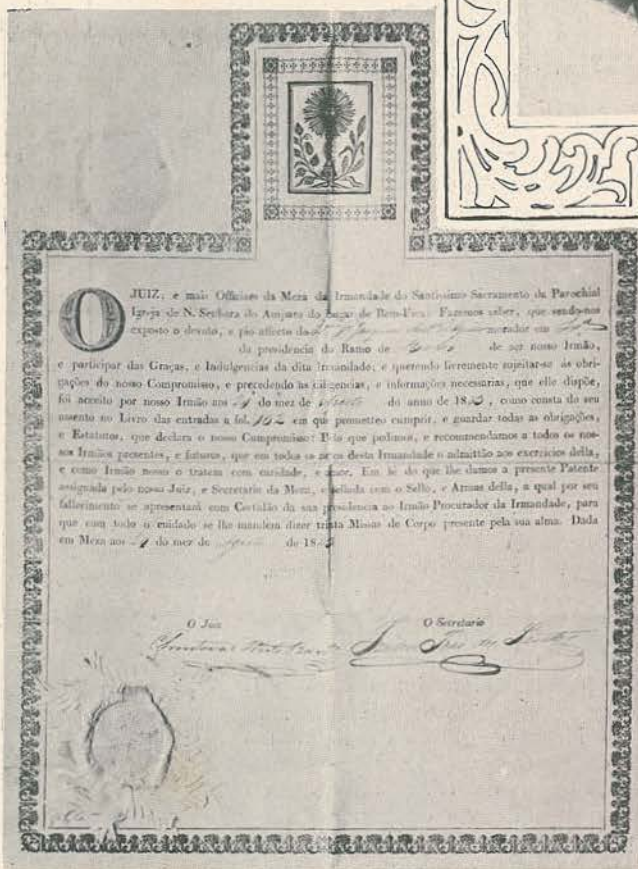
E é curioso que tantos dos homens, ministros e deputados, que maiores auxilios lhe prestaram para bem trilhar a sua trajectoria assaahlada, pertenciam á velha fidalguia portugueza.

Creaturas que pelas ligações com o passado, pelas conveniencias de privilegio e de casta deviam estar aferrolhadas no conceito secular do *divinito divino*, vestido da respectiva soberania intangível e absoluta, não lhe regatearam coadjuvação intellectual, esforços positivos para completo robustecimento do poder popular.

D'entre esses democratas de sangue é talvez o marquez de Palmella o que nos offerece mais accen-



Lithographia d'un retrato de Joaquim Antonio d'Aguiar, o mata-frades



Uma documento interessante: O diploma nomeando Aguiar irmão da Irmandade do Santíssimo de Bemfica

tuado e vigoroso perfil moral. A sua convivencia em Paris e em Roma com Humboldt, Gay-Lussac, Staël, e com aquelle Montmorency, duque e descendente de duques, já temidos e valorosos no remoto seculo XV, o Montmorency que pugnou pela emancipação dos Estados-Unidos ao lado de La Fayette e que, na qualidade de soldado da revolução, propoz a abolição dos titulos aristocraticos; as suas intimidades com Wellington, duran-

te a campanha contra Napoleão, enraizaram-lhe na alma aversão irreductivel por quaesquer fórmias ostensivas de oppressão, de preconceito, de intolerante reaccionarismo.

Aguiar, nobilitado e engrandecido pelas luctas tendentes a realizar os seus largos projectos liberaes, não vergaria a espinha altiva e hirta aos estímulos d'outra orientação politica. Se os homens que deviam cooperar na obra que se propôz lhe contrariassem a independencia d'acção, preferiria exilar-se de novo, ou afastar-se d'elles, a abater-se em transigencias humilhantes. Seguiria, sem hesitar, o caminho que se traçou Guisot, cumulado de desillusões, que lhe turvaram o espirito de descreanças e

de desdens, fazendo-o exclamar amargamente: «Aos vinte annos, seria capaz de andar cem leguas para conhecer um homem e não daria cem passos para vêr uma flôr; hoje, andaria cem leguas para vêr uma flôr, e não daria cem passos para conhecer um homem.»

Não attendia conjuncturas nem opportu-
nidades desde que fôsse preciso fixar na pratica os preceitos do seu programma. Acima de umas e de outras pairava a inteireza austera do politico e do cidadão. Esta disciplina rigida e confiada explica a linha em que se manteve quer atravez dos movimentos regressivos e despoticos de Costa Cabral, feridos mortalmente pela Patuleia, que á voz legendaria da Maria da Fonte alvoroçou o paiz desde o Minho ao Alentejo, quer em face das tentativas do miguelismo, capitaneadas no Algarve pelo Remexido e em Traz-os-

Montes por Macdonell, quer ainda sob a influencia do pronunciamento da Granja, que tantos alentos e enthusiasmos trouxe ás legiões devotas. Nada lhe perturbava a segurança da palavra e da decisão. As irritações, as contendas, as ameaças, os manejos sediciosos dos individuos ou das collectividades incompativeis com a vida moderna apenas lhe proporcionavam ensejos cobiçados de rasgar fundo no sentimento nacional o respeito, a comprehensão das normas progressivas e bemfazejas. Era

o estadista com alma de Bayard, «du chevalier sans peur et sans reproche», na sobrançeria destemida do seu desprezo pela conspiração do passado. Por entre os assomos odiosos da conspiração decreta a extinção das ordens religiosas, estabelece a eleição directa, punindo as fabricações

do voto, aproveita a fusão do partido historico com o partido regenerador para apresentar a medida administrativa mais decentralisadora que o constitucionalismo portuguez tem concebido, e que o motim popular de Lisboa, a Jancirinha, fez abortar.

O decreto de 30 de maio de 1834, que extinguiu os conventos, é a primeira das suas affirmações liberaes na importancia e na chronologia. D'elle procede a alcunha de *Mala-Frades* por que ainda hoje o conhecemos.

Quem pretender observar com rigor e clareza a estatura d'essa figura privilegiada da nossa politica, não pôde deixar

The image shows a piece of aged, yellowed paper with dense, handwritten text in a cursive script. The text is written in dark ink and appears to be a personal letter or a memorandum. The handwriting is fluid and somewhat slanted, characteristic of the 19th-century Portuguese style. The paper has some creases and discoloration, suggesting its age.

Carta autographa de Aguiar

de lêr e meditar o relatório que antecede esse decreto. E' um documento admiravel de lucidez, de concisão e de verdade historica e social. D'elle resalta, flagrante e vivida, a desorientação cahotica e irreparavel das comunidades monasticas ao implatar-se o regimen constitucional, envolvidas em contendas politicas, em intrigas amorosas, em episodios grotescos ou galantes de puro escandalo. Uma das características da immoralidade das ordens, que Joaquim d'Aguiar frisa e com-

menta de preferencia, reside na accumulacão excessiva de riquezas temporaes, conseguidas em grande parte pela propagação da crença «que durou seculos, de que os peccados seriam perdoados a quem mais desse aos mosteiros». A'cerca d'essa colheita de riquezas, que considera illicita, recorda a lenda do fim do mundo, designado como certo pelos frades para o ultimo dia do anno mil, sob a auctoridade prophetica da Sibylla e de David.

Mas eu hesito entre capitular a colheita de illicita ou de piedosa. Se, de todas as creaturas providas de bens terrenos, apenas aos monges, por mercê especial de Deus, era concedido logar no Paraizo, os monges, delatando á christandade o exclusivo da mercê, tinham em vista, caritativamente, allivial-a do pezo que lhe vedaria a entrada na eternidade da luz e da bemaventurança. Assim, a chistandade, agradecida, despojou-se do que seria o seu perpetuo tormento, entregando-o aos monges compadecidos—certa de que seguiria triumphantemente para a benção amovavel do Senhor a sua alma despida de ambições terrenas.

O anno mil passou. O papa Silvestre II, o astrologo e bruxo, escolhido pelo destino para soltar, dos subterraneos do Vaticano, o anti-Christo abominavel que havia de reduzir o mundo a chammas e a cinzas, tornou-se o medianeiro santificado que impetrára e conseguira de Deus o perdão das culpas da humanidade condemnada. Mas os bens doados aos mosteiros, no pavor do momento tragico e solemne, não foram restituídos. E ainda n'este caso o intuito secreto dos bentos frades rescende maxissima piedade—conservavam os bens de que a chistandade se privára ao despedir-se do mundo, para magnanimamente a compensarem com o maior esplendor do culto, com a glorificação maxima do Senhor paternal e misericordioso que a poupára do anti-Christo,

do fôgo e da trombeta do Apocalypse...

Coimbra,—abril—1909.

SOUSA COSTA.

Nota da redacção.

Os objectos pertencentes a J. A. d'Aguiar, cujas photographias documentam este artigo, e ainda outros que não podemos reproduzir graphicamente, vão ser vendidos pelas filhas do sr. Bento Pereira de Miranda—parentas afastadas do illustre politico e herdeiras da casa em que elle nasceu—e sem duvida vão

ser disputados pelos admiradores do grande ministro liberal que n'aquella meza, e talvez á luz d'aquelles candelabros, assignou o decreto relativo ás congregações religiosas bandidas n'esse periodo das reformas necessarias. Era bem modesta a meza, na sua forma airoza, mas sobre ella se traçou o golpe final da obra que iniciou em Portugal

um regimen novo pelo qual era necessario sacrificar ás idéas do tempo toda a obra do passado, as comunidades, os conventos,

com as suas largas cêrcas, as vastas e formosas abbasdias, os monges que lá tinham vivido e sonhado, os românticos noviços, as tristes monjas, as cellas escuras onde soffriam ou se extasiavam todas as velhas formulas que Aguiar bania com uma pennada ousada, a coberto dos applausos do seu tempo e da posteridade. Tambem antes de se lançar n'essa reforma, no remanso do seu gabinete, andára com essa espingarda que vae ser vendida, alvejando o inimigo nas fileiras que se oppunham ás suas idéas, mas, não lhe tendo vindo por esses tiros, mas sim pelo seu decreto, a alcunha que ficou pegada ao seu nome como titulo de gloria: o mata frades!



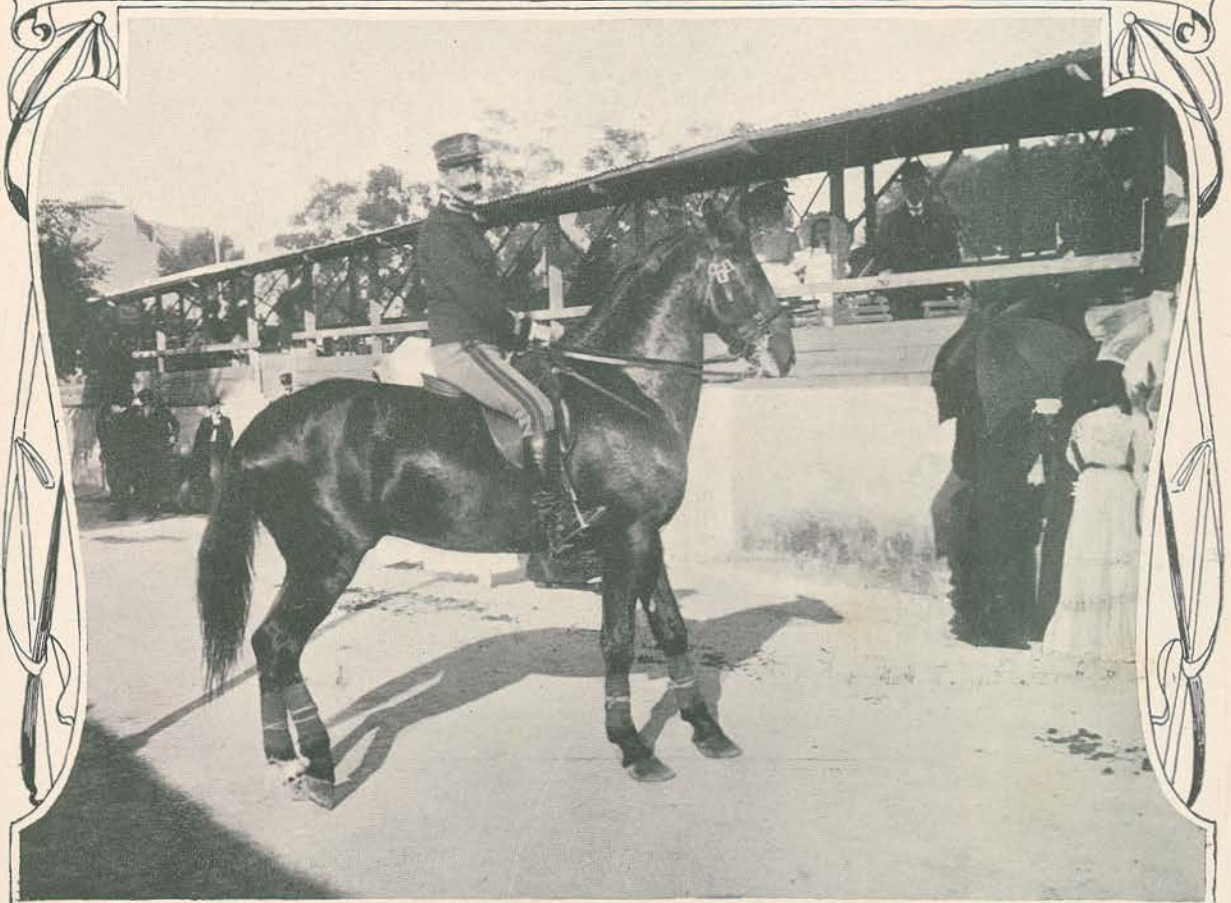
Busto de Rodrigo Sampaio, mandado fazer por Joaquim Antonio de Aguiar



Caixa de rapé, em ambar e ouro, de Joaquim Antonio de Aguiar (Chichês do academico JOSÉ VASCO MASCARENHAS JUNIOR)

O CONCURSO HIPPICO

AS ULTIMAS PROVAS

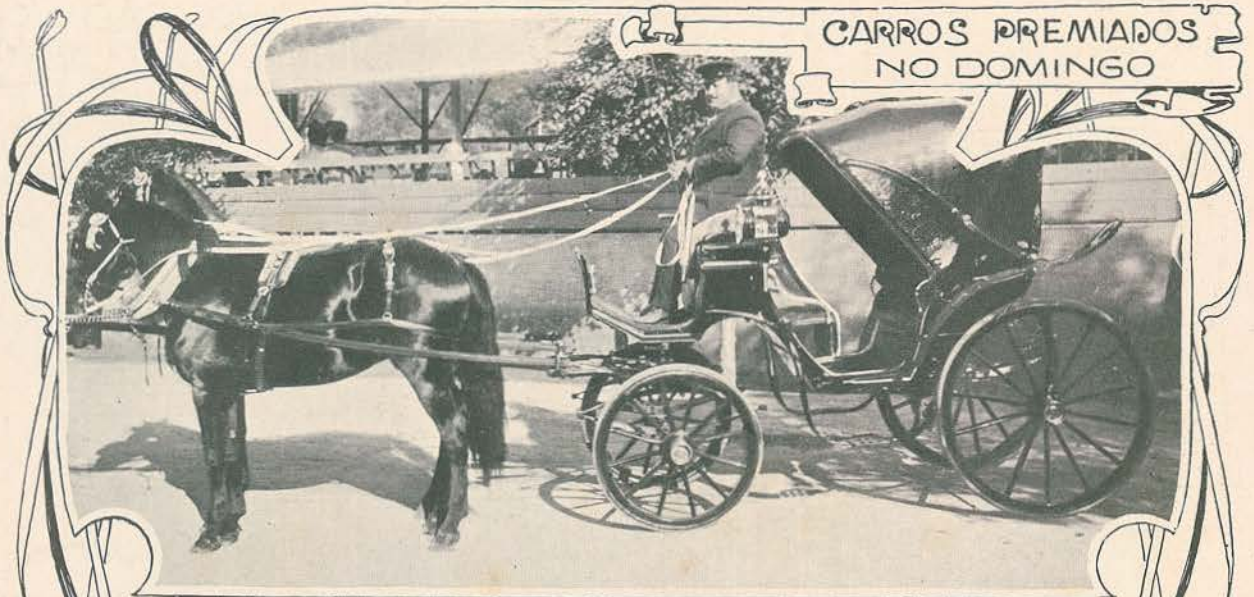


1—O sr. tenente Manuel Latino, vencedor do 1.º premio da prova nacional no cavallo *Brutus* 2—S. M. El-Rei felicitando o tenente sr. Silveira Ramos, que no cavallo *Scott* ganhou o 1.º premio de salto em altura

Terminou no dia 24 a exposição hippica sendo distribuidos os premios aos expositores, obtendo medalhas de ouro os animaes pertencentes aos srs. Alfredo d'Andrade e tenente Calheiros. Os premios foram distribuidos por Sua Alteza o Senhor Infante D. Afonso, realisando-se em seguida a desfilada em face da tribuna real. Era d'um lindo effeito essa cavalgada brilhante passando n'um ruidoso galope, cheia da côr dos uniformes, dos movimentos elegantes dos animaes, de ruído, d'alegria, n'um deslumbramento. A seguir desfilou o gado que estivera exposto, que os campinos de colletes vermelhos conduziam, n'um tilintar agitado de chocalhos, os barretes coloridos, as grandes chapas de prata scintillantes nos peitos, os longos pampilhos bem seguros, sobre as montadas fogosas no couce das manadas. Os resultados da classificação foram os seguintes: Alta menção honrosa ás coudelarias Real e Nacional; medalha de ouro ao cavallo *Romboso* do sr. Alfredo d'Andrade, 300\$000 réis o cavallo *Gallito* do mesmo expositor; 150\$000 réis o cavallo do sr. tenente Calheiros de cavallaria 7. Medalhas de prata



CARROS PREMIADOS
NO DOMINGO



1 — primeiro premio do concurso de trens de praça, ganho pelo sr. Bernardino Pinto (filho)



2—Primeiro premio de cavallos de tiro, ganho pelo cavallo, do sr. D. Pedro Mello (Santar)



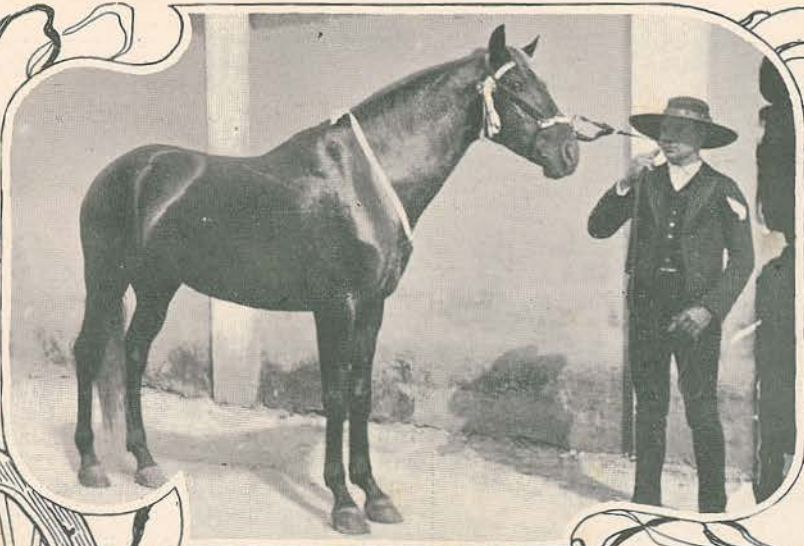
3— Primeiro premio de apresentação de parelha, ganho pelo sr. Arthur Vaz



4—Primeiro premio de emparelhamento ganho pelo sr. Anastacio Fernandes



EXPOSIÇÃO DE SOLIPEDES



1—*Gallito*, da coudelaria Andrade, que ganhou uma medalha de ouro



2—Poldros da coudelaria Real d'Alter



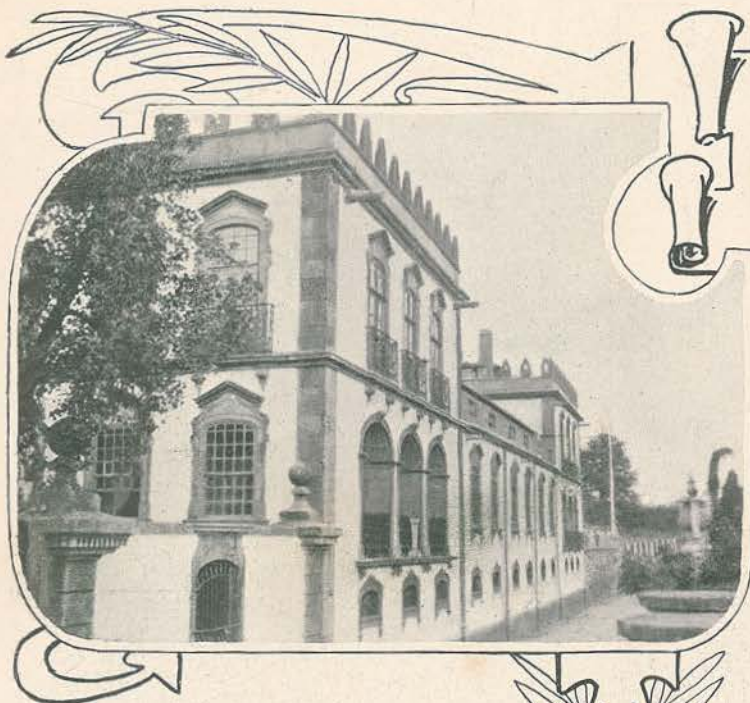
3—O cavallo *Salvio*, da coudelaria Palha Blanco, pertencente ao tenente Calheiros de cavallaria 7, que recebeu uma medalha de ouro

(*Clichés de BENOLIEL*)



os cavallos do sr. Thomaz Reynolds e do sr. tenente Vasconcellos, a um grupo de poldras do sr. Alfredo d'Andrade e 100\$000 réis o cavallo *Faisão* pertencente ao mesmo senhor. Medalhas de cobre o cavallo *Nero* do sr. tenente André Reis e o do sr. capitão Cruz e Sousa.





OS SOLARES
— ANTIGOS —
CASA DA
INSUA

das suas cimalthas ali se mostra perto de Castendo evocando historias romanticas d'uma antiga era. Já quasi não ha solares por esse paiz fóra, a lepra dos seculos passando sobre elles desbaratou a sua phisionomia, roeu-os e anniquilou-os, deixando-os derrancados como antigos collossos cahidos na poeira dos caminhos. Quando passamos por entre esses campos verdes minhotos ou pelas asperezas da Beira e vemos os logares onde umas ruinas indicam as moradias fidalgas, compraz-se a nossa imaginação em evocar os cavalleiros vestidos nas suas armas, caracolando nos seus murzelos, atirando as redeas á lacaiajem junto aos portões onde se erguiam as heraldicas alfarrobeiras; as donas gentis, sonhando em amores, sorrindo aos cortezes namorados, as tragedias passadas em todos esses montões de pó que teem ali os segredos de muitas novellas, a agonia de muitas almas, a his-

VITA HONESTA
FACULTAS CERTA
DOMUS QUIETA
DONA CÆLESTIA

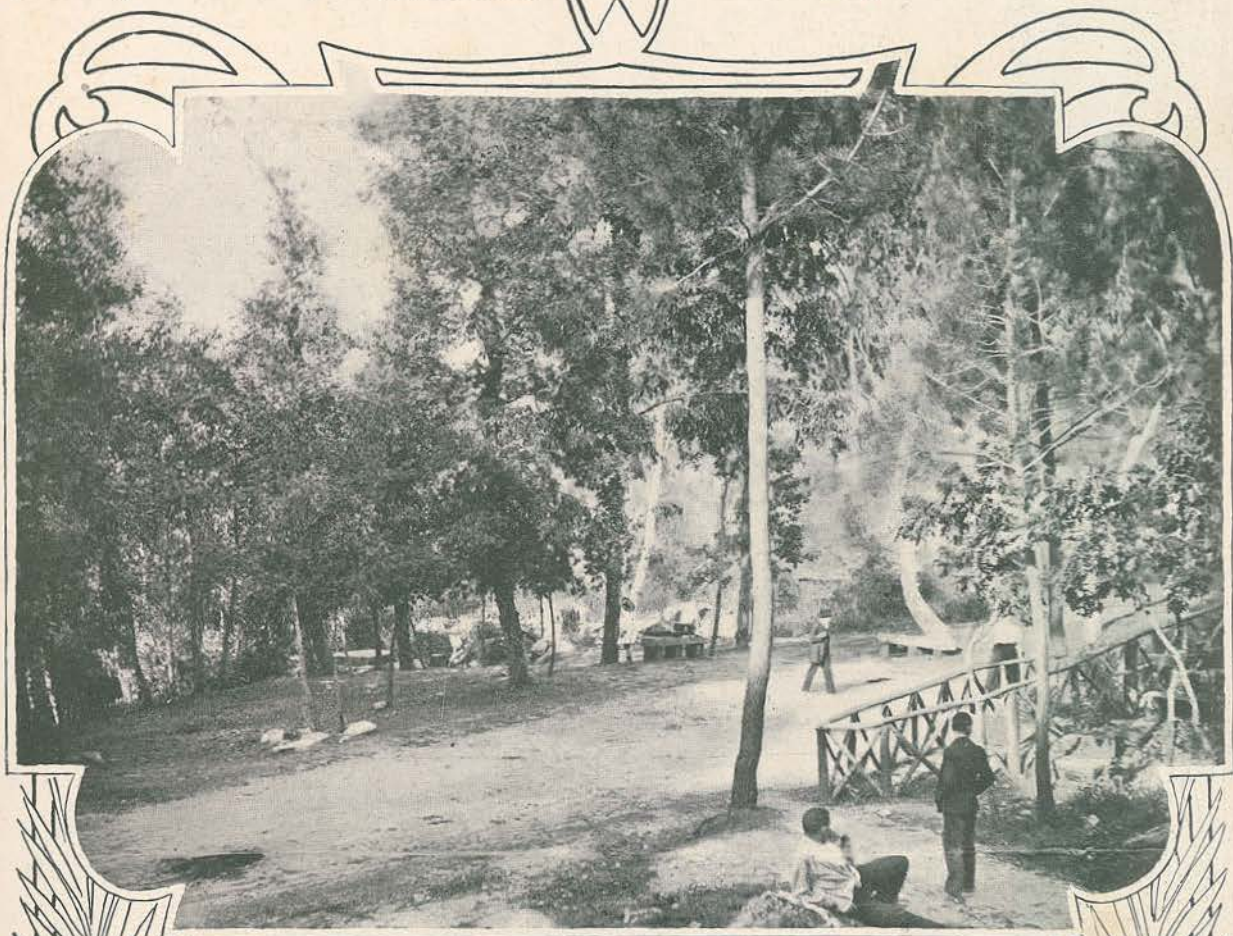
E' esta a inscripção da velha casa da Insua que com as suas janellas largas, os seus muros vetustos, os topos recortados



1—Casa da Insua vista do lado da rua
2—Rio Coja que passa na matta da cerca

toria perdida de muitas gentis raparigas de sangue godo tornadas freiras por amores infelizes. Veem logo á idéa tambem os senhores morgados, ciosos dos seus pergaminhos, illetrados e ricos, passeando pelas tardes com os frades pançudos, seus feitores e seus regentes, e depois as luctas, as guerras senhoriaes de casa para casa, de familia para familia, por causa d'um casamento falhado ou d'uma palavra menos cerimoniosa. Sente-se então n'esse sonho do passado que tudo isso se perdeu, as chronicas

actual proprietario, o sr. Manuel d'Albuquerque Pereira de Mello Caceres. Ainda como no tempo antigo em que a Insua albergava as donas com as suas vestes d'outro seculo, que saham ás tardes nas suas mulinhas axaiareladas a passearem-se pelas brancas estradas, á porta do solar vão os pobres, doze todos os dias. receber o pão e o conducto, o caldo da esmola que os mantém; vão, como romeiros, sentar-se na entrada da vetusta moradia, abençoar os senhores que guardam a tradição, como a sua



Na cerca: Lago junto á gruta

das familias e a arte das fachadas, as bellezas, as maravilhas, as pedras d'armas dos brazões. Por isso é um consolo topar na banalidade moderna das construcções a physionomia nobilissima da casa da Insua, á beira de Castendo, com as suas vidraças d'outros seculos, os seus muros, os seus largos portões, casa que guardando a sua belleza ancestral se rodeiou de vastas plantações, d'officinas rusticas, mettida entre vinhedos que verdejam entre milhares e milhares de oliveiras verde escuras, alargando-se a perder-se de vista e magnificamente mantidas com todos os trabalhos usuaes pelo descendente dos antigos senhores solarengos e seu

bella casa a mantém nas suas paredes nobres que viram passar os seculos e assistiram ás festas, aos folgares, ás lagrimas, ás alegrias, mudas, serenas, com a fixidez d'um rosto impassivel em face dos acontecimentos; e vão tambem em bandos, a 28 de novembro, assistir á festa em que se distribue pão e vestuario no meio de muitas alegrias.

As casas teem a sua physionomia e esse solar da Insua relembra um d'aquelles fortes senhores d'outras eras que a edificaram e souberam mostrar-se fortes perante as surpresas da vida.

N'uma pequena gruta festeja-se em outubro, junto ao solar, a Senhora de Lour-



des e então nos seus trajos
garridos as raparigas bailam
ao som das violas primitivas, cantam e riem
como um bando festivo de aves e como as
suas avós dançaram e cantaram em outras fes-
tas, deixando chegar o echo das suas vozes
áquelle solar tranquillo, resto d'um bello pas-

sado, com a sua legenda de
calma e de felicidade:

VITA HONESTA
FACULTAS CERTA
DOMUS QUIETA
DONA CELESTIA.



1—As creanças agglomeradas em frente da casa da Insua, esperando que lhes seja aberto o portão
2—A distribuição das esmolas dentro do pateo